



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Autor/ediador: Lauren Berlant e Lee Edelman	Cód.:
TÍTULO: Sex, or the Unbearable	Data da ficha: 2 de Abril 2018
Editora: Duke University Press	
Ano: 2013	
ASIN: B00I6ZL22G	
Páginas: 168	

1. Observações sobre o conteúdo:

1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

O livro documenta uma conversa entre Berlant e Edelman sobre o sexo e o modo como este nos pode ajudar a pensar diversos conceitos políticos. Como o título do livro indica, os autores defendem que o sexo propicia um tipo de prazer que é muitas vezes “insuportável”. Interessa-lhes o sexo porque este ocasiona um “estranhamento íntimo” que é ao mesmo tempo uma forma de negociação. O sexo implica uma certa “negatividade” que desestabiliza as nossas relações, faz-nos problematizar noções de totalidade e soberania e cria espaço para a transformação. A noção de soberania (e sua contestação) aparece associada ao conceito de “encontro”, íntimo, contingente e imprevisível, motivado e regulado por uma série de palpites e mal-entendidos. O sexo funciona aqui como metáfora para a “conversa” (“intercourse”) entre os dois críticos. Usada por Platão como método de investigação, a conversa (ou diálogo) perdeu relevância ao logo dos tempos, dada a sua suscetibilidade a fenómenos como a interrupção, a provocação (aqui no seu duplo sentido), a digressão e o mal-entendido, que muitas vezes conduzem à frustração e levam os interlocutores a adotarem uma postura defensiva. No entanto, é precisamente esse emaranhado de tensões, opiniões provisórias, tentativas de aproximação e correções que interessa aos autores.

Edelman, ao contrário de Berlant, tenta negar por completo a dimensão de futuro (que vê como um engodo ideológico) associada ao sexo. A sua teoria é “anti-social”, “anti-sentimental” e “anti-reparativa”, opondo-se a estruturas sociais e políticas que facilmente se rendem a um otimismo fácil. Podemos dizer que Edelman é apologista de um “sexo sem otimismo”. Tal como Lacan, o autor centra-se na dimensão negativa e insondável da relação sexual, que nunca é verdadeiramente concretizável.

Adaptando o famoso termo de Foucault, Edelman diz-nos que a componente utópica do sexo conduz-nos a um “panoptimismo”, i.e. a ideia de que a vida que poderemos vir a ter justifica a nossa apatia relativamente à vida que temos agora.

O sexo serve para multiplicar ideias. Este seu poder criativo (que carrega uma componente destrutiva) é projetado, no âmbito dos discursos heteronormativos, sobre aqueles a que Gayle Rubin chama “foras-da-lei do sexo”, populações vistas como excessivamente apetitivas e por isso mais severamente policiadas.

Berlant diz-nos que, ao contrário de Edelman, acredita na dimensão utópica do sexo, que não tem necessariamente de acarretar o encobrimento do seu lado negativo. Edelman responde que o pensamento de Berlant anda demasiado próximo da mentalidade “bem-feitora” que ambos tentam contestar. Berlant contrapõe que a sua abordagem é apenas mais subtil. Por exemplo, na sua opinião, a descontinuidade do sexo não deve ser vista em termos de um “choque” com o desconhecimento. As pessoas, diz-nos Berlant, raramente ficam chocadas ao dar de caras com a sua incoerência ou a incoerência do mundo. A nossa reação muitas vezes varia entre o humor, o embaraço e a curiosidade, a exaustão que sentimos sendo produto do esforço que temos de fazer para nos ajustarmos a novas circunstâncias. Edelman mantém o seu ceticismo, dizendo que mesmo que o sexo não implique qualquer choque, prevalece um sentimento de “incompatibilidade”. Edelman reconhece que o choque pode ser um afeto quotidiano, mas o sexo é, ainda assim, algo que nos perturba e nos causa ansiedade: quanto mais perto estamos da satisfação mais tentamos defender-nos dela – defendemos a nossa soberania de uma negatividade que ameaça esvaziá-la. Edelman diz também que essa familiaridade da incoerência (nas palavras de Berlant) pode ser explicada pela tendência que temos para rapidamente domesticar aquilo que ameaça a nossa coerência como sujeitos.

O discurso crítico centra-se agora sobre questões de direitos cívicos – neste contexto, falar de sexo quase que parece anacrónico, demasiado pessoal e fruto de uma certa teimosia. O sexo é como uma barreira a travar esta nossa tendência de “partir para outra” (ideia de que basta estender direitos a cada vez mais gente, etc.); o sexo é, pelo contrário, uma “fixação” primitiva.

Berlant quer explorar o lado quotidiano da diferença em vez de a ver como inerentemente traumática. Interessa-lhe olhar às particularidades históricas do modo como os sujeitos experienciam a sua fragmentação. Edelman foca-se em estruturas que persistem ao longo da história e vê a fragmentação do sujeito não como uma resposta à normatividade mas como marca do irrepresentável.

1.2. Palavras-chave:

Sexo; Estudos Queer; Otimismo e Pessimismo; Utopia;

Grupo Intersexualidades

Para citar esta ficha de leitura:

João Paulo Guimarães (2018), ficha de leitura do livro: Berlant, Laurence e Lee Edelman (2013), *Sex or the Unbearable*. Duke University Press.